

AGUALUSA, José Eduardo. *A rainha Ginga*. Rio de Janeiro: Foz, 2015, 238p.

Viviane Mendes de Moraes\*

*A rainha Ginga*, romance do escritor angolano José Eduardo Agualusa, lança um olhar para a história de Angola, a partir da narração do (ex-)padre pernambucano Francisco José da Santa Cruz que, no enredo, desempenha a função de secretário e conselheiro da lendária rainha. Com uma narrativa conflituosa em primeira pessoa, permeada por sentimentos em que pululam afetos em relação à Igreja Católica, aos cultos religiosos africanos, a Angola, a Portugal, ao Brasil e à Holanda, o padre conta-nos sobre os embates e o cotidiano de um tempo, cujos documentos históricos oficiais omitem, cabendo a ele, ou melhor, a seu testemunho ficcional preencher tais lacunas. A estória da personagem que nomeia o livro funciona como mote para apontar, ora com ironia, ora com acidez crítica, as mazelas de um período marcado pela escravidão, guerras, intrigas e impactos culturais entre povos muito diferentes entre si.

---

\* Doutora em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Professora Substituta de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras / UFRJ e Professora de Língua Portuguesa e Metodologia de Pesquisa na Universidade Geraldo di Biase / UGB.

Francisco José da Santa Cruz, o narrador, é um padre brasileiro, que, no decorrer do romance, vai duvidando de sua fé, da existência de Deus, pecando segundo os preceitos católicos até culminar em sua excomunhão. Ao longo de sua narrativa, uma vida sofrida vai-se desvelando: nascido em Olinda, filho de pai mulato e mãe índia, logo cedo teve contato com as agruras da vida e da realidade brasileira escravocrata e rural. Viveu a juventude no Brasil, ordenou-se e partiu para Angola. Lá, foi enviado pelo governador português, Luís Mendes de Vasconcelos, ao reino de Ginga, com o intuito de tornar-se conselheiro, secretário e tradutor da rainha, lendo-lhe e escrevendo-lhe missivas e servindo, também, inicialmente, como olhos de Portugal e da Igreja naquele território tão importante. Entretanto, Francisco José foi transformado pelo ambiente ao qual fora enviado para mudar, deixando-se atravessar profundamente pela cultura local, posicionando-se, ao lado de Ginga, dos africanos e dos holandeses, contra Portugal. Esta atitude custara-lhe a liberdade em território português e brasileiro, tortura e punição, fomentando ainda mais suas dúvidas em relação à colônia e a Deus. Ao fim do romance, o ex-padre encontra-se na Holanda ao lado de Cristóvão, o filho que tivera com Muxima, trabalhando em uma imprensa de livros sua.

A chave do romance está no fato de Francisco presenciar todos os momentos determinantes da narrativa, oferecendo-nos seu testemunho em forma de relato histórico. Acompanhou Ginga em suas missões diplomáticas; foi enviado ao Brasil, precisamente a Pernambuco, para aliar-se aos holandeses que haviam conquistado a região; participou das lutas contra os portugueses; viu a tomada de Luanda pelos holandeses e a retomada do território pelos lusitanos.

Os espaços de Angola, do Brasil e da Europa (Portugal e Holanda) são trabalhados, ficcionalmente, de forma a evidenciar os contrastes entre as culturas. Sem querer enaltecer uma em detrimento da outra, fica exposto que, independente da origem, o ser humano pode exercer a crueldade de igual maneira. Episódios revelam o tratamento crudelíssimo dos portugueses em relação aos africanos e aos holandeses; o de Ginga e o dos Jagas em relação aos inimigos portugueses, africanos e aos vencidos de guerra (escravos); as atitudes dos holandeses em relação aos africanos, aos brasileiros e aos portugueses.

O romance é composto por dez capítulos (cada um com três a cinco subcapítulos), introduzidos por uma sinopse que adianta, resumidamente, ao leitor o que se passará em cada parte da narrativa.

Em *A rainha Ginga*, a enunciação romanesca, valendo-se de afirmativas que fazem imbricarem-se a estória narrada e a História da África nos séculos XVI e XVII, leva o leitor a refletir sobre o passado que ecoa no presente. Por vezes, a enunciação aponta, criticamente, para pontos relevantes da História, como a compreensão, para um africano e para

um europeu, dos conceitos de escravidão, de Deus e de religião; do papel das mulheres em cada égitide cultural; das viagens marítimas e da pirataria.

Personagens históricas são ficcionalizadas a partir do relato do padre-narrador que transitou por diferentes espaços elencados no livro. Desta forma, o leitor depara-se com Maurício de Nassau, Henrique Dias, Tomé dos Anjos, Malundo Acambolo, Ngola Mbandi, entre outros.

Quanto às personagens femininas, estas surgem com uma carga simbólica reveladora dos diferentes olhares que suas respectivas culturas têm acerca das mulheres. Assim, Muxima é representada com a beleza e a sedução da mulher africana; por vezes estereotipada e exotizada, torna-se Dona Inês de Mendonça, após o batismo e a ida para Luanda, transformando-se em uma mulher forte, de muitos negócios, poderosa e arrogante. Outros exemplos representativos são os de Mocambo e Quifungi, irmãs inteligentes e guerreiras de Ginga; Velha Clemência, com ar de preta velha dos terreiros do Brasil; Sula, a cigana misteriosa.

A rainha Ginga que, após o batismo, se tornou Ana de Sousa, é apresentada na narrativa como esperta, inteligente, estrategista, poderosa e cruel. As informações sobre ela chegam-nos por intermédio do padre-narrador que emite juízos de valor em suas descrições e narrações.

Nzinga Mbandi (1583-1663), pertencente à etnia dos Ndongo, foi reconhecida rainha, após a morte inexplicada de seu irmão, o rei Ngola Mbandi. Sua fama cresceu devido a seu talento para o comando e a guerra contra os portugueses, tendo ela vivido até os oitenta anos

sem nunca ter sido capturada. Antes mesmo da morte de seu irmão, Ginga possuía papel relevante, servindo como embaixadora de seu reino.

No romance de Agualusa, Ginga possuía um harém de homens vestidos de mulheres – o que acentua a troca de papéis, desacomodando e deslocando a visão do senso comum. Era descrita com vestimentas masculinas e exigia que a chamassem de rei.

Cenas lendárias compõem o imaginário circundante à figura da rainha ambundo para corroborar o aspecto histórico da personagem: o caso da escrava utilizada como banco, em que a soberana se sentava apenas uma vez, pois não usava nunca um mesmo assento; a fuga de Ginga ao enganar os portugueses; ou, ainda, as atitudes tomadas pela rainha diante dos perigos da guerra.

Tensões religiosas, sobretudo relacionadas à Igreja Católica, são pensadas e criticadas; há questionamentos sobre a inquisição, o sacerdócio, o paraíso, o inferno, a culpa e, principalmente, o medo. É evidente o peso do temor trazido pela colonização portuguesa aos espaços focalizados no romance, sendo declarada, diversas vezes e por diferentes personagens, a atmosfera assustadora que acompanhava os portugueses em comparação ao clima de calma e confiança que os holandeses disseminavam.

José Eduardo Agualusa possui uma vasta obra literária com muitos romances, entre os quais: *Estação das chuvas*, *Nação crioula*, *O vendedor de passados*. Em *A rainha Ginga*, conseguiu trazer um novo olhar à sua escrita, ao narrar a história e as estórias que envolvem a figura da lendária rainha.